



## **MOVIMENTO DE MULHERES FEMINISTAS RURAIS/DO CAMPO, PRATICAS EDUCATIVAS E IDENTIDADES**

Filipe Antonio Ferreira da Silva; Emerson Silva Santos.

*Universidade Federal de Pernambuco, filipe.antonio20@hotmail.com.*

*Universidade Federal de Pernambuco, emersonssantos1@gmail.com.*

**Resumo:** A situação de vulnerabilidade social e econômica das mulheres brasileiras têm sido fruto de inúmeros estudos promovidos no campo da educação, revelando a permanente violação dos direitos, promovidos pelo patriarcado. Quando o recorte dos estudos se volta para as mulheres que vivem no campo, essa realidade é ainda mais brutal, tendo em vista as dificuldades que essas mulheres encontram no acesso à educação e as demais políticas sociais. Diante desse cenário de constante violação de direitos, as mulheres rurais têm se organizado em movimentos sociais com o objetivo de superar a violência, as desigualdades, a desinformação e todas as limitações que as são impostas. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo analisar como as mulheres feministas rurais do campo lutam pelas suas identidades, exercendo práticas educativas uma luta política pela desconstrução das desigualdades de gênero. A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa, pesquisa exploratória com estudo de caso, utilizando-se do método do caso alargado, proposto por Boaventura de Sousa Santos. Como técnica de coleta de dados foram realizadas entrevistas com as mulheres do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste (MMTR/NE), situado em Caruaru/Pernambuco. Para análise e sistematização dos dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo. Os resultados apontam as dificuldades impostas pelo patriarcado vivenciadas pelas mulheres do campo e como a organização dessas mulheres em movimentos sociais representa uma janela para a superação dessas relações de dominação. O papel pedagógico do MMTR/NE marca a vida das mulheres membros do movimento, possibilitando novas visões de mundo e oportunidades.

**Palavras-Chave:** Mulheres, Movimentos Sociais, Práticas Educativas, Feminismo.

### **INTRODUÇÃO**

O contexto das mulheres no meio rural/campesino tem-se demonstrado inferior a situação das mulheres que vivem na área urbana. Uma vez que essas mulheres sofrem com o descaso de políticas públicas, bem como o machismo predominante no meio em que vive. No contexto específico do Nordeste brasileiro, as desigualdades de gênero entre mulheres e meninas são devastadoras, seja pelo descaso do poder público, seja pela negligência dos direitos humanos.

Mas esse modelo de sociedade que oprime e silencia a garantia dos direitos das mulheres rurais/campesinas está muito bem arquitetado, e historicamente enraizado em nossa cultura, como nos aponta os estudos feministas: o patriarcado (a dominação masculina) que garante voz, vez e poder aos homens. Essa hierarquização de poder é histórica, causando principalmente a exclusão



das mulheres em espaços políticos, assim como o sexo feminino sendo percebido como fraco e submisso.

O movimento feminista surge como proposta de desestabilizar os pares dicotômicos imposto pela sociedade (homem-mulher) e no enfrentamento das desigualdades de gênero com estratégias educativas bem definidas e abordagens diferenciadas. Como nos fala Louro,

Tornar visível aquela que foi ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito- inclusive como sujeito da ciência (LOURO, 1997, p. 17).

Podemos situar o conceito das lutas feministas do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste (MMTR/NE) a partir das contribuições dos estudos de gênero no Brasil e no mundo. Esses estudos apontam que,

As lutas das mulheres por direitos iguais e pela transformação da sociedade, porque as desigualdades entre os sexos estão em todos os lugares: na família, na produção, na política, na religião, na arte, nos saberes. E, em todos esses lugares, as mulheres tem sofrido opressão e exploração de gênero. Como as desigualdades entre homens e mulheres estruturam a sociedade, as lutas feministas transpassam as lutas de classe, de raça, de preservação ambiental, de orientação sexual etc (MMTR/NE.2008, p. 100).

O MMTR/NE é organizado na luta pela “melhoria das condições de vida e de trabalho rural” das mulheres que moram nesses espaços, pois suas reivindicações surgem de demandas específicas e necessidades diferenciadas.

De fato, as distinções entre os sexos, superam a questão do biológico e se configuram em representações de masculino e feminino que são carregadas de simbolismos e de papéis, consolidados e hierarquias históricas, onde o feminino sempre esteve em lugar de subordinação. Essa perspectiva encontra lastro em Saffioti quando argumenta que “a sociedade delimita, com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem” (SAFFIOTI. 1987, p. 08).

Dessa maneira a naturalização das discriminações socioculturais entre mulheres e homens construídas e difundidas ao longo dos tempos pela sociedade sexista e patriarcal, legítima a mulher como um ser inferior de forma natural, assim como desencadeia as diferenças de gênero.



A luta feminista é em sua origem uma postura política que visa o reexistir da categoria mulher na reivindicação de seus direitos, historicamente negados pela pirâmide excludente do patriarcado. Sendo o fazer político dinâmica fundamental para o processo de empoderamento das mulheres feministas rurais/do campo. A obra Estrada da Sabedoria organizada pelo MMTS-NE afirma que,

O MMTR-NE surgiu como sujeito político protagonizado pelas mulheres trabalhadoras rurais, numa clara tentativa de garantir a voz as especificidades das mulheres, nos espaços de decisão, dando uma resposta consistente ao vazio de autonomia político que vivenciam as mulheres do campo (MMTR/NE. 2008, p. 105) .

Essa pesquisa científica teve início com as provocações do grupo de extensão Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina, situado na Universidade Federal de Pernambuco, Centro acadêmico do Agreste (UFPE/CAA). E também pelo desejo de luta por emancipação e desconstrução das violências de gênero, assim como a dominação masculina entre as mulheres.

Diante dessa sociedade dicotômica, que engendra os corpos para ter absoluto controle, este trabalho pretende apontar respostas para o seguinte problema: Como as mulheres feministas rurais do campo lutam pelas suas identidades, exercendo práticas educativas uma luta política pela desconstrução das desigualdades de gênero?

## **METODOLOGIA**

Para este trabalho foi utilizada a abordagem qualitativa (MINAYO et al, 2008), pesquisa do tipo exploratória com o método de estudo de caso (GIL, 2008). Embasamo-nos a partir do método do Caso Alargado, proposto por Boaventura de Sousa Santos, esse método consiste em ao estudar um caso isolado, particular, estender as conclusões nascidas desse estudo a um campo mais amplo, atribuindo aos outros contextos suas análises. Neste sentido, o método do caso alargado propõe que,

Em vez de reduzir os casos às varáveis que os normalizam e tornam mecanicamente semelhantes, procura analisar, com o máximo de detalhes descritivo, a complexidade do caso, com vista a captar o que há nele de diferente ou único. A riqueza do caso não está no que é generalizável, mas na amplitude das incidências estruturais que nele se denunciam pela multiplicidade e profundidade das interações que constituem (SANTOS, 1983 p. 11).

Ainda de acordo com a proposta metodológica de Gil (2008), como técnica de coleta de dados foram realizadas entrevistas com as mulheres integrantes do MMTR/NE sediado em Caruaru-Pernambuco. Para análise e sistematização dos dados utilizamos a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2008).

Este artigo nasceu no grupo de estudos do Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina, na Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste. Como local da pesquisa, nos concentramos no estudo do Movimento da mulher trabalhadora rural do Nordeste (MMTR/NE) sediado em Caruaru-PE. A pesquisa de campo foi realizada na sede do MMTR/NE com seus eventos e momentos educativos e na escola Feminista onde foi realizada três encontros na UFPE-CAA.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### Movimento Feminista rural/do campo e a identidade multifacetada

As identidades das mulheres feministas do MMTR/NE fazem parte de uma luta política e também epistemológica, pois os saberes populares são fundamentais na elaboração da Escola feminista, onde as mulheres aprendem sobre sua realidade, no saber-fazer das relações existentes. Sendo essa metodologia um currículo diferenciado e com abordagens diferentes. Como nos fala LAGE:

Este esforço conjunto de aliar a luta política à luta epistemológica, articulando estratégias de ação com saberes científico e militantes tem produzido avanços significativos na forma de atuação dos movimentos, tanto no que diz respeito à sua capacidade de negociação com o Estado quanto no enfrentamento de debate político com as forças conservadoras (LAGE, 2009, p. 2).

Diante da marginalidade imposta pela academia aos grupos sociais, os movimentos lutam pelas suas trajetórias de vida, assumindo um caráter também educativo nas suas relações de enfrentamento as desigualdades de gênero, educacionais e políticas. É possível observar a importância que as mulheres do MMTR/NE empenham no movimento da qual participam:

(...) tenho orgulho de ser nordestina, tenho orgulho da minha cidade, de ser mulher negra. E mais orgulho ainda de participar do MMTR/NE. Aqui eu me fiz mulher,





sei meus direitos (sorrindo, por vezes, chorando) eu até já me expresso melhor nas reuniões. (Mulher entrevistada 007)

É através dos espaços educativos que as mulheres aprendem a importância de lutar e redescobrem toda uma nova possibilidade de vida.

### Relações de gênero no combate ao patriarcado

Tendo em vista a posição social que ocupam, as mulheres estão submetidas ao poder nos mais diversos âmbitos de sua vida e em níveis diversos. Os espaços sociais, espaços de poder, estão expressamente divididos em espaços que pertencem aos homens (públicos, em geral dotados de autonomia e de poder) e espaços que pertencem as mulheres (em geral estão no âmbito privado, restritos e limitados).

Todos los hechos sociales y culturales - las relaciones, las instituciones, las normas, y las concepciones - son espacios del poder: el trabajo y las demás actividades vitales, la sabiduría, el conocimiento, la sexualidad, los afectos, las cualidades, las cosas; los bienes, las posesiones y los territorios materiales y simbólicos: el cuerpo e la subjetividad, es decir, los sujetos y sus creaciones (LOS RIOS. 2005, p. 179).

As mulheres vivem em um cativeiro patriarcal como indivíduos e como gênero, de variadas formas, graus e níveis. Os poderes hegemônicos da sociedade, que partem do modelo de sujeito universal, se articulam de maneira organizada para reproduzir a opressão contra a mulher e simultaneamente outras opressões.

Los Rios (2005) reflete também que o poder patriarcal se estrutura em torno da dependência e da diferença, rejeitando e aprisionando tudo que não pertence ao modelo universal do qual o patriarcado se estrutura. As opressões de gênero e sexualidades promovidas pelo poder patriarcal estão expressamente vinculadas.

No âmbito público o poder patriarcal institui ações políticas dirigidas as mulheres que reforçam a sua função de reprodução social e cultural. Mesmo na atuação pública, as mulheres estão sendo permanentemente empurradas para o desempenho de atividades que requerem o cuidado, reforçando o papel social de mãe, atribuído as mulheres pelo patriarcado. Nesse sentido as áreas de saúde e educação, foram e continuam sendo as áreas profissionais mis ocupadas pelas mulheres.



Figura 1 – Produção de vídeo do MMTR.

Leite (2005) aponta para uma construção opressora da personalidade da mulher como sendo ignorante, infantil, com sensibilidade exagerada, cérebro pouco desenvolvido, astuciosa, mentirosa, sedutora, descontrolada emocionalmente. Com todas essas barreiras, o poder patriarcal ficou numa posição confortável onde é possível justificar a ausência ou pequena presença das mulheres nos lugares de tomada de decisão.

Nos espaços de poder, em geral, as diferenças de gênero são perceptíveis. A mulher trabalhadora rural tenta atuar de forma independente,

As mulheres rurais criam um porco, ou um peru, para comer no final do ano ou para vender e comprar roupas e calçados para as filhas e filhos. Porém, é na hora de vendermos que desaparecemos e os homens ficam na frente. Eles negociam e ficam, quase sempre, com todo o dinheiro. Por isso, parece que a maioria das trabalhadoras rurais depende dos homens. Posso dizer que nós dependemos por não pegarmos no dinheiro. Porém, como produtoras, nós não dependemos em nada de ninguém (MMTR/NE. 2008, p.87).

Esta citação aliada as falas das mulheres pesquisadas nos ajudou a perceber como as relações de gênero estão engendradas nos cotidianos dessas mulheres e que são relações de poder percebidas em momentos bastantes específicos:

Pois é, meu querido. Eles fazem isso quase sempre. Pra mim antes disso era normal (tom de tristeza) hoje, (gargalhada) o que é meu, é MEU!! (Mulher entrevistada 005).

A participação do movimento evidência que essas práticas cotidianas são, na verdade, práticas sexistas, e elas descobrem mais uma vez um mundo de possibilidades e de direitos.

Formação política



É através da formação política que as mulheres participantes atingem seu ponto principal: seu empoderamento. Sempre aliados ao discurso de suas identidades, suas subjetivas e suas lutas locais e globalizantes.



Figura 2 – Oficina de formação do MMTR.

Minha chegada no mmmtr/ne foi através da minha mãe, que foi uma das fundadoras do movimento. O feminismo conheci através do movimento. E ele (o movimento feminista) tem mudado a vida de muita gente, inclusive a minha. Aqui a gente aprende a se valorizar mais, a lutar pelo que a gente quer. Participar de outras atividades, sem medo de represálias, o feminismo é você fazer o que tem vontade. (Mulher 008).

Se confrontada com a teoria o movimento apresenta mais uma vez coerência e o sucesso em sua empreitada educativa.

Os esforços do MMTR/NE se dirigem para dar visibilidade a essa condição de múltipla exclusão, e para promover as condições de inserção das trabalhadoras rurais em todos os espaços da vida em sociedade. Assim, desde a década de 1980, o Movimento, além de desenvolver as suas atividades locais, ainda participa de encontros de mulheres no Brasil e no exterior (MMTR/NE. 2008, p. 106).

Desta maneira a mulher vai se construindo, desvencilhando-se de identidades impostas, para se posicionar politicamente e adquirir seu lugar no mundo.

## CONCLUSÕES



Retomamos a pergunta inicial que provocou este artigo: Como as mulheres feministas rurais do campo lutam pelas suas identidades, exercendo práticas educativas uma luta política pela desconstrução das desigualdades de gênero? Nos propomos a responder essa pergunta situada neste momento e no tempo em que as informações foram coletadas observamos que as indicações são de que o processo formativo para o empoderamento das mulheres feministas no MMTR/NE contra as desigualdades de gênero e afirmação de suas identidades rurais/do campo vão mesclando em verdadeiras lutas políticas e sociais.

As mulheres tomam para si novas “verdades” antes silenciadas pelo machismo, reelaboram seu existir mulher e se apropriam de seus direitos. Lutam incansavelmente para se libertar das correntes que ainda fincam seus pés. Grande parte do processo de empoderamento surge do caráter educativo dos movimentos sociais na qual essas mulheres fazem parte.

As mulheres do MMTR juntas encontram força para enfrentar de maneira organizada as barreiras impostas pelo poder patriarcal, atuado de forma coletiva numa perspectiva feminista. Face a isto o problema é respondido na medida em que percorremos os objetivos almejados e estudamos as questões postas inicialmente. As práticas educativas apresentaram-se como elementos imprescindíveis e fundamentais no combate às percepções sexistas e na construção de uma sociedade harmônica que tenha o respeito e o princípio da alteridade como eixos norteadores de sua organização.

## REFERÊNCIAS

COLETIVO DE MULHERES. MMTR/NE (organização). **A Estrada da Sabedoria:** Sistematizando os caminhos para a formação de educadoras rurais do Nordeste 1994-2006. 2 edição. Caruaru: Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste, 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 2008. 6ª ed.

Allene Carvalho. Orientações Epistemológicas Para Pesquisa Qualitativa em Educação e Movimentos Sociais. In: IV Colóquio Internacional de Políticas e Práticas Curriculares, 2009, João Pessoa. **Anais do IV Colóquio Internacional de Políticas Práticas Curriculares:** Diferenças nas Políticas de Currículo. João Pessoa : UFPB, 2009. v. 1. p. 1-18.

MINAYO, M. C. S. (Org); DESLANDES, S. F.; CRUZ NETO, O. GOMES, R. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 27ª ed.





SANTOS, Boaventura de Sousa. Os conflitos urbanos no Recife: O caso do Skylab”. **Revista crítica de Ciências Sociais**, nº 11, maio, pág. 9-59. Coimbra: Centro de estudos Sociais, 1983.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós- estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. **O Poder do Macho**. 9º edição; São Paulo. Editora Moderna. 1987.

LOS RIOS, Marcela Lagarde de. **Los cautiveiros de las mujeres**. p.175-200. Cidade do México: UNAN Posgrado, 2005

LEITE, Miriam Moreira. **Maria Lacerda de Moura**: uma feminista utópica. Editora Mulheres, 2005.

